

O MERCADO DE TRABALHO EM 2011

Em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego podem ser desagregados para análises específicas de determinados segmentos sociais ou econômicos, como a inserção de negros e não negros¹ no mercado de trabalho. Assim, visando contribuir para o debate dessa questão, a Secretaria de Trabalho e Emprego (Sete), Fundação João Pinheiro (FJP), Dieese e Seade apresentam, a seguir, algumas informações sobre esse tema, para a Região Metropolitana de Belo Horizonte, referentes a 2011.

Tanto os estudos divulgados nos anos anteriores com base em dados gerados pela PED² como os realizados por outras instituições de pesquisas e análises têm mostrado que, apesar da redução das desigualdades ao longo das últimas décadas, ainda existem diferenças significativas nas condições de trabalho vivenciadas por negros e não negros.

O crescimento econômico dos últimos anos contribuiu para o decréscimo dos diferenciais entre as taxas de desemprego total de negros e não negros (de 4,8 pontos percentuais, em 2004, para 1,0 pontos percentuais, em 2011). Os rendimentos médios horários ainda mostram grande desigualdade, apesar de também terem apresentado avanço – em 2004 os rendimentos dos negros representavam 63,9% dos não negros, passando para 65,3%, em 2011.

¹ O segmento de negros é composto por pretos e pardos e o de não negros engloba brancos e amarelos.

² “A Desigualdade entre negros e não negros no mercado de trabalho, no período 2004-2008”, nov. 2009, “Os Negros no Mercado de Trabalho e o Acesso ao Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda”, nov. 2010, e “A Inserção da População Negra no Mercado de Trabalho da Região Metropolitana de Belo Horizonte”, nov. 2011. Disponível em: < www.sistemaped.dieese.org.br >.

Esse estudo pretende colaborar para a identificação de alguns aspectos geradores dessas diferenças e para indicar possibilidades de atuação de políticas públicas que contribuam na redução das disparidades no mercado de trabalho.

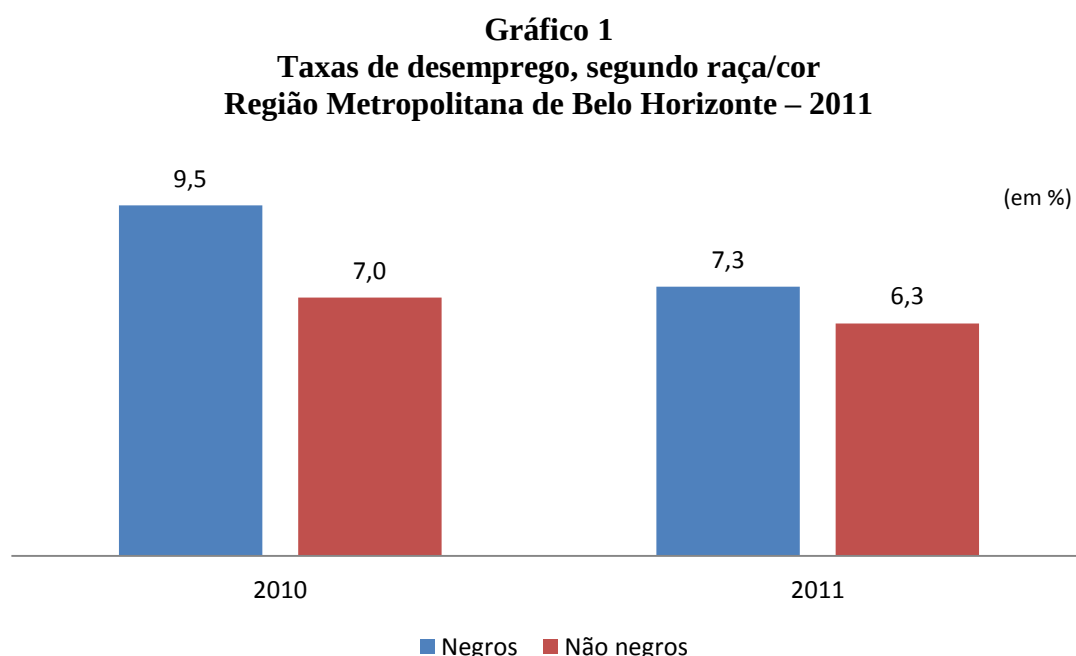
Mercado de trabalho

Em 2011, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), os negros representavam cerca de 62,0% da População em Idade Ativa (PIA) e uma proporção semelhante a esta na composição da População Economicamente Ativa (PEA) – conjunto de ocupados e desempregados. Já o contingente de desempregados negros está sobrerrepresentado (66,2%).

A taxa de participação – definida como a proporção da PEA em relação à PIA – correspondia a 57,3% para os negros e 55,8% para os não negros, em 2011, apresentando decréscimo para ambos os segmentos, em relação a 2010.

Desemprego

A maior proporção de desempregados entre os negros reflete-se nas diferenças entre as taxas de desemprego desses dois segmentos (Gráfico 1).



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio Sete/FJP/Dieese/Seade/MTE-FAT.

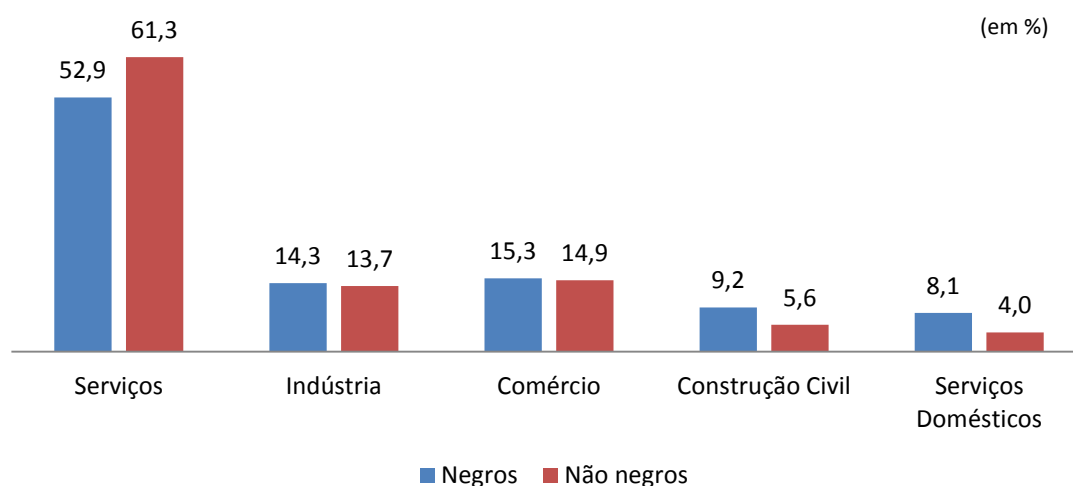
Nota: a taxa de desemprego total é composta pela soma das taxas de desemprego aberto e oculto. A amostra não comporta a desagregação para o desemprego oculto entre os não-negros em 2011.

O diferencial das taxas de desemprego total entre negros e não negros diminuiu sensivelmente nos últimos anos, embora a do primeiro segmento ainda supere a do segundo, em 2011 (7,3% e 6,3%, respectivamente). Essa diferença, de 1,0 pontos percentuais, era de 4,8 pontos percentuais, em 2004.

Ocupação

Os diferenciais de inserção no mercado de trabalho entre negros e não negros podem ser mais bem identificados quando se observa a composição dos ocupados nos principais setores de atividade econômica, por raça/cor (Gráfico 2).

Gráfico 2
Distribuição dos ocupados, por raça/cor, segundo setores de atividade
Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2011



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio Sete/FJP/Dieese/Seade/MTE-FAT.

Responsável por mais da metade dos postos de trabalho na RMBH, o setor dos Serviços passou a abrigar 52,9% do total de ocupados negros e 61,3% de não negros, em 2011, após ampliação para ambos os segmentos de raça/cor. A participação de negros era ligeiramente superior na Indústria (14,3% contra 13,7% de negros) e no Comércio (15,3% e 14,9%). Os setores em que a proporção de negros superava de forma significativa a de não negros – Construção Civil (9,2% e 5,6%, respectivamente) e Serviços Domésticos (8,1% e 4,0%) – são aqueles em que predominam postos de trabalho com menores exigências de qualificação profissional, remunerações mais

baixas e relações de trabalho mais precárias, sendo, por consequência, menos valorizados socialmente.

Pela ótica da posição na ocupação, assalariados negros alcançaram praticamente a mesma participação dos não negros (70,9%), em 2011. Proporcionalmente, os ocupados negros estão mais representados do que os não negros no assalariamento privado (58,2% e 53,8%, respectivamente) e em relação aos empregos com carteira de trabalho assinada (51,8% e 47,1%, respectivamente), invertendo-se essa relação em ocupações que, em geral, não são regulamentadas e cujos rendimentos são menores: trabalhadores autônomos (17,2% e 16,0%, respectivamente); e, principalmente, entre domésticos (8,1% e 4,0%, respectivamente) (Tabela 1).

Em contrapartida, nota-se distância entre as participações de negros e não negros assalariados no setor público: enquanto 16,8% do total de ocupados não negros estavam empregados no setor público, a proporção de negros era de 12,6%. A explicação para essa diferença possivelmente tem origem no fato de que há uma exigência mais presente de escolaridade de nível superior no setor público. Essa característica, associada ao fato de o ingresso ocorrer principalmente por meio de concursos, permite inferir que a sub-representação de negros nesse setor deve-se muito mais às suas históricas dificuldades de acesso aos níveis mais elevados de ensino do que a eventuais ações discriminatórias de que possam ser vítimas.

No agregado demais posições – que reúne empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócios familiares, entre outros –, ainda é mais forte a diferença entre a participação de não negros (9,4%) e negros (3,9%). Neste caso, dispor de riqueza acumulada que permita montar um negócio ou possuir nível superior de escolaridade provavelmente são fatores que explicam a exclusão de grande parte dos negros. Em outras palavras, a persistência de elementos históricos, mais do que qualquer outro fator, justifica a desigualdade presente.

Tabela 1
Distribuição dos ocupados, por raça/cor, segundo posição na ocupação
Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2011

Posição na ocupação	Em porcentagem		
	Total	Negros	Não negros
Total	100,0	100,0	100,0
Total de assalariados (1)	70,8	70,9	70,6
Setor privado	56,6	58,2	53,8
Com carteira	50,1	51,8	47,1
Sem carteira	6,5	6,4	6,7
Setor público	14,2	12,6	16,8
Autônomos	16,7	17,2	16,0
Empregados domésticos	6,5	8,1	4,0
Demais posições (2)	5,9	3,9	9,4

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio Sete/FJP/Dieese/Seade/MTE-FAT.

(1) Inclui os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(2) Inclui empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

Explicação semelhante pode ser adotada para a expressiva sobrerrepresentação de negros como empregados domésticos. Esse segmento compõe-se de ocupações cujos requisitos de qualificação profissional dependem menos da formação escolar do que da experiência de trabalho. Estudos recentes realizados pela Secretaria de Trabalho e Emprego (Sete), Fundação João Pinheiro (FJP), Dieese e Seade, com base nos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED na RMBH, constataram que o emprego doméstico tem sido exercido predominantemente por mulheres negras, com idade mais avançada e baixo nível de escolaridade.

Rendimentos do trabalho

As informações sobre os rendimentos do trabalho de negros e não negros na RMBH em 2011 demonstram a permanência de desigualdades há muito tempo identificadas no mercado de trabalho.

As razões mais evidentes dessa desigualdade, em que o rendimento médio por hora³ de negros (R\$ 7,05) representa 65,3% do rendimento dos não negros (R\$ 10,79), em 2011, residem nas diferentes estruturas ocupacionais em que esses segmentos estão inseridos,

³ Os dados de rendimentos são apresentados por hora com o objetivo de eliminar problemas de comparação devido a diferenciais de jornada de trabalho entre homens e mulheres, raça/cor e setores e ocupações específicas.

conforme anteriormente descritas. Apesar de patamares muito distantes, o crescimento do rendimento por hora dos negros (1,0%) diante da redução observada dos não negros (0,2%), entre 2010 e 2011, reduziu, ainda que timidamente, essas diferenças.

As maiores desigualdades de rendimentos por raça/cor continuam sendo verificadas nos setores cujos rendimentos médios são mais elevados, geralmente em que a estrutura produtiva é mais diversificada e com segmentos de uso intensivo de capital, fatores que requerem maiores qualificações dos trabalhadores. Assim, nos Serviços e na Indústria, os negros recebem, respectivamente, 65,7% e 68,9% dos rendimentos por hora dos não negros, diferença que se reduz no Comércio e na Construção Civil (71,9% e 73,7%) e que praticamente não existe nos Serviços Domésticos (94,8%) (Tabela 2).

Tabela 2
Rendimento médio real por hora (1) dos ocupados (2) no trabalho principal,
por raça/cor e sexo, segundo setores de atividade
Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2011

Em reais de junho de 2012

Setores de atividade	Total	Negros			Não Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total (3)	8,41	7,05	5,95	7,83	10,79	9,76	11,61
Indústria	8,05	6,95	5,60	7,41	10,09	8,36	10,80
Comércio	6,54	5,68	5,01	6,30	7,90	6,54	9,11
Serviços	10,01	8,08	7,00	8,97	12,30	11,79	13,17
Construção Civil	7,69	7,07	(4)	7,01	9,59	(4)	8,94
Serviços Domésticos	4,06	4,03	4,12	(4)	4,25	4,17	(4)

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio Sete/FJP/Dieese/Seade/MTE-FAT.

(1) Inflator utilizado: IPCA/BH/IPEAD.

(2) Exclusivo os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Inclui os demais setores de atividade.

(4) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Os diferenciais nos rendimentos também são percebidos na análise por posição na ocupação. Assim, o rendimento médio real por hora dos assalariados negros no setor privado equivale a 70,1% do rendimento dos não negros, elevando-se ligeiramente entre os assalariados com carteira de trabalho (69,9%) e, especialmente, entre aqueles que não a possuíam (65,1%). As diferenças percebidas são menores quando tratamos do setor público (71,2%), entre os autônomos (82,7%) e nas “demais posições” ocupacionais (81,5%) (Tabela 3).

Tabela 3
Rendimento médio real por hora (1) dos ocupados (2) no trabalho principal,
por raça/cor e sexo, segundo posição na ocupação
Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2011

Em reais de junho de 2012

Setores de atividade	Total	Negros			Não Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total (3)	8,41	7,05	5,95	7,83	10,79	9,76	11,61
Total de assalariados (3)	8,50	7,07	6,37	7,60	10,47	10,28	10,84
Setor privado	7,23	6,16	5,24	6,67	8,79	8,18	9,36
Com carteira	7,20	6,29	5,33	6,83	9,00	8,29	9,47
Sem carteira	6,64	5,52	5,07	5,68	8,48	6,89	9,55
Setor público	14,57	12,09	10,49	14	16,98	16,51	18,11
Autônomos	7,67	7,11	5,79	7,82	8,59	7,15	9,55
Empregados domésticos	4,06	4,03	4,12	(5)	4,25	4,17	(5)
Demais posições (4)	21,87	19	(5)	19	23,38	21,51	24,08

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio Sete/FJP/Dieese/Seade/MTE-FAT.

(1) Inflator utilizado: IPCA/BH/IPEAD.

(2) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

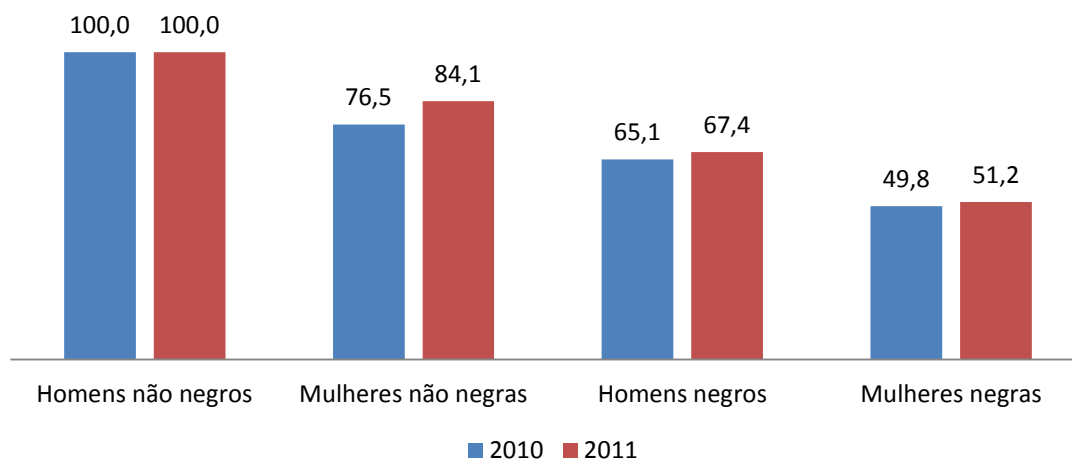
(3) Inclui os assalariados que não sabem a qual setor pertencem.

(4) Inclui empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

(5) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Os diferenciais de rendimentos por raça/cor associados àqueles referentes ao sexo são reveladores das desigualdades que ainda permanecem no mercado de trabalho da região, mesmo com as suaves melhorias ocorridas entre 2010 e 2011, conforme Gráfico 3.

Gráfico 3
Proporção dos rendimentos médios reais por hora (1) dos ocupados (2), por
raça/cor e sexo, em relação aos rendimentos médios reais por hora dos homens não
negros
Região Metropolitana de Belo Horizonte – 2011



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício.

O crescimento da economia nos últimos anos e seus reflexos positivos no mercado de trabalho da região contribuíram para a melhoria geral desse mercado, em especial, para os negros. Como visto, alguns sinais dessas melhorias entre os negros manifestaram-se no aumento da proporção de ocupados nos Serviços, e na redução das diferenças dos seus rendimentos médios. Não obstante esses movimentos, ainda persistem desigualdades e depreende-se que o crescimento econômico por si só não é capaz de garantir igualdade de oportunidades em um horizonte razoável de tempo para as atuais e futuras gerações de trabalhadores, enquanto não se atenuarem as discrepâncias socioeconômicas e, mais especificamente, do nível de escolaridade. Este é um dos principais elementos na melhoria de acesso e da trajetória dos indivíduos no mercado de trabalho, onde as possibilidades de movimentos de ascensão social e econômica são maiores.